

AUTORA BESTSELLER DE **ANATOMIA DE UM ESCÂNDALO**, EM BREVE UMA SÉRIE **NETFLIX**

SARAH VAUGHAN

★★★★★

«Inteligente, tenso e empolgante.»

PAULA HAWKINS

autora bestseller de *A Rapariga no Comboio*

PEQUENOS ACIDENTES

TUDO PODE MUDAR
NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDO.

TOP
SEL
LER

Para o meu marido, que despertou a ideia.
Com amor.

O amor acertou o teu passo como um pesado relógio de ouro.
A parteira deu-te duas palmadas nos pés e o teu grito nu
Tomou o seu lugar entre os elementos.

As nossas vozes em eco engrandecem a tua chegada. Estátua nova.
Na corrente de ar de um museu, a tua nudez
Encobre a nossa segurança. Rodeamos-te inexpressivos como paredes.

Sou tanto tua mãe como
A nuvem que em espelho se destila e nele vai reflectir o seu lento
Apagamento às mãos do vento.

Toda a noite a tua respiração de borboleta
Paira entre o cor-de-rosa murcho das rosas. Acordo e oiço:
Move-se no meu ouvido um mar distante.

Um choro, e saio da cama aos tropeções, vaca gorda e florida
Na minha camisa de noite vitoriana.
A tua boca abre-se limpa como a de um gato. O quadro da janela

Empalidece e engole as estrelas sombrias. E tu agora ensaias a tua
Mão cheia de notas;
Claríssimas vogais elevando-se como balões.

SYLVIA PLATH, «Canção da Manhã»¹

¹ Tradução de Maria Fernanda Borges, *Ariel*, Relógio d'Água, 1996. [N. T.]

Eu já criei um filho e sei, por isso,
com que amor amamentamos um bebé; mas garanto-te
que nem por um momento hesitaria em de meu peito
apartar a sua boca sorridente e rebentar-lhe
os miolos

WILLIAM SHAKESPEARE, *Macbeth*, Ato I, Cena VII²

² Tradução de José Miguel Silva, *Macbeth*, Relógio d'Água, 2016. [N. T.]

Prólogo

O choro intensifica-se. Ao início, é lamentoso. Uma espécie de lamúria. Hesitante, trémula, apenas a testar como será recebida. A dúvida, porém, não demora a desaparecer, e a lamúria transforma-se num choramingar, o tom endurecendo à medida que o choro se refina numa nota de pura angústia.

— *Shh... shh* — implora a mãe, tirando a filha do berço, segurando-a à distância de um braço. O som reforça o espaço entre elas. — Está tudo bem, querida. A mamã está aqui. Vou fazer com que fique tudo bem.

A bebé fita-a. Tem 11 meses, e debate-se com cólicas inconsoláveis. Os seus olhos são duas contas que observam a mãe de forma ameaçadora, incrédula e intensa. *Não sejas ridícula!*, dizem esses olhos. *Estou furiosa, e estou furiosa contigo!* O seu rosto contorce-se, e o babygro refreia-se, como se quisesse escapar à intensa cólera que transforma o corpo que o enverga numa fornalha rubra.

— Pronto, pronto. Está tudo bem — repete a mãe, subitamente mais atenta.

O suor cobre a testa da bebé, e a fontanela pulsa, como se um ser extraterrestre estivesse sob a sua pele, testemunho dos seus batimentos cardíacos, do sangue que lhe corre pelas veias e que poderia

irromper por aquela zona translúcida, delicada como o ovo de uma ave, tão frágil que a mãe não se atreve a tocar-lhe, receosa de que se rompa. O pulsar persiste, insistente, inexorável. Tal como a fúria incontrollável da bebé.

O choro aumenta de volume, e a mãe aproxima a filha do corpo. Contudo, esta contorce-se, de raiva ou de dor, os punhos cerrados, o tronco a arquear-se para trás.

— Está tudo bem. — Quem está a mãe a tentar convencer? Certamente não aquela bebé, que passou as últimas oito semanas a chorar. E não a si própria, porque, de cada vez que julga ter encontrado uma nova solução, como um aspirador a sugar o tapete ou um rádio a sibilar ruído branco, as regras daquele jogo particularmente cruel mudam, e ela tem de pensar noutra coisa. — Pronto, pronto. — Os seus olhos enchem-se de autocomiseração e de frustração, e exibem um cansaço tão enraizado que por vezes a faz perder o equilíbrio. «Por favor, cala-te só por um minuto. Não chores. Cala-te!», deseja dizer.

O choro parece zombar dela. *Que péssima mãe! Nem sequer é o teu primeiro filho. Devias saber como acalmar a tua filha. O que irão os vizinhos pensar?*

— Pronto... Pronto! — grita. A bebé volta a contorcer-se, apertada com demasiada força. A mãe, assustada, afrouxa a pressão, e os pulmões da filha expandem-se, permitindo-lhe explodir num acesso de fúria que lhe deixa o corpo rígido, uma violenta energia a pulsar desde a ponta dos pés, percorrendo-lhe toda a coluna vertebral. — Pronto, pronto...

Tal como um toxicodpendente desesperado pela dose seguinte, a mãe está pronta a fazer qualquer coisa por alguns minutos de silêncio, o que a leva à casa de banho. Despe-se, ficando apenas em cuecas e soutien. Depois, coloca uma pilha de roupa na máquina de lavar, liga-a e, encolhendo-se na escuridão, abraça a filha.

A máquina dá início ao ciclo de lavagem: um chape-chape rítmico à medida que a cuba se enche de água, começando a andar à roda, sonora e repetitivamente. O ruído branco é o bálsamo mais

poderoso. O choro esmorece, vacila, para, perante o sibilar, o rumorejar e o barulho surdo da roupa a rodopiar, que preenche a divisão húmida e escura. A mãe arrisca baixar o olhar. A filha fita-a de volta. *Por favor, não chores! Por favor, não chores!* A súplica é automática. O lábio inferior da bebé treme, e a difícil serenidade é interrompida por um rabujar. Profundos soluços de raiva não tardam a afogar a ruidosa canção de embalar. *Por favor, cala-te. Não chores. Não chores, pode ser? Calate um bocadinho, por amor de Deus!*

Não adianta. As paredes constroem-na, o calor derrota-a, e o ruído — o terrível choro que perdura há três horas — engole-a. Os seus olhos ardem, com vontade de chorar também. Não é capaz de lidar com aquilo; não consegue aguentar. Não sabe quanto mais será capaz de suportar.

Dizem que, quando uma pessoa se sente assim, deve deixar o bebé sozinho; deve devolvê-lo ao berço, fechar a porta e afastar-se, permanecendo algures, até se sentir mais calma. Contudo, depois o choro continuará — o bebé a tremer mais de raiva do que de uma causa que se possa solucionar, como a fralda suja ou uma dor. Não fará mais sentido abraçá-lo, implorar, pedinchar, talvez até gritar? Abaná-lo ligeiramente para o tentar convencer? Não, isso não: sabe que não deve magoar a sua bebé — mas, se pudesse assustá-la de maneira que ela se calasse... se pudesse abafar aquele ruído...

Nesses momentos, a sua mente enche-se de pensamentos tóxicos. *És uma péssima mãe! Ela estaria melhor sem ti.* Depois, traiçoeiramente, instalam-se os mais ignominiosos, que ela tenta afastar, pensamentos que mal consegue admitir, quanto mais exprimir, e que incluem o desejo — ainda que apenas por um instante — de que aquela criança se silencie para sempre.

Liz

—

SEXTA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2018, 23H30

—

Um

O serviço de urgência é, sem dúvida alguma, o refugio da medicina hospitalar. Sexta-feira à noite, no final de janeiro: é quase meia-noite, e as salas de espera estão a abarrotar. Doentes entediados de morte ocupam todas as cadeiras disponíveis; há uma fila à espera da triagem, e estamos a aproximar-nos do caos que se abate sempre que os bêbedos e os jovens, cujas discussões se tornaram mais violentas, começam a entrar, manhosos, indisciplinados, a rirem-se na cara da razão e do bom senso. Se os insultos se tornarem físicos — paredes esmurradas, uma enfermeira empurrada, um médico do Sri Lanka cuspidor —, teremos de chamar a segurança.

Um mês de janeiro mais frio significa que o hospital já está concorrido: cheio até 99 por cento da sua capacidade. As urgências estão prestes a recusar as ambulâncias, quase em alerta vermelho. Muitos dos doentes não precisam de estar aqui: aqueles que não marcaram — ou não lhes ocorreu marcar — uma consulta no seu médico de família e que se dão conta de que será um longo e desconfortável fim de semana, a menos que se apressem a ir às urgências, acreditando que, com isso, o vírus irá curar-se mais depressa. São esses os que mais reclamam da interminável espera, os que pairam junto ao balcão das enfermeiras, prontos para protestar.

Os que estão verdadeiramente doentes não têm energia para se queixarem.

Eu não me aproximaria das urgências numa sexta-feira à noite, a menos que a minha vida dependesse disso. Apenas uma paragem cardíaca, um AVC, uma fratura ou uma hemorragia incontrolável me obrigariam a atravessar as portas automáticas. Então o que faço eu aqui, a respirar os vapores fétidos das doenças alheias, a palmilhar os corredores, a olhar para os rostos frustrados e para os dos que sofrem de doenças graves e esperam duas, três, quatro horas, por vezes mais? Na verdade, não tenho escolha. É o meu trabalho. Sou médica no serviço de pediatria do St. Joseph's, na zona oeste de Londres: um importante e inovador hospital central com serviço de traumatologia.

A minha carreira não foi meteórica: dois filhos e duas licenças de maternidade de seis meses, bem como o facto de ter desaparecido temporariamente no beco sem saída do mundo da investigação, significam que ainda não sou consultora, ao contrário dos homens com quem estudei na faculdade. Contudo, falta-me apenas um ano para atingir o vertiginoso pico da hierarquia médica: 20 anos de estudo, e estarei finalmente lá no alto.

Não trabalho a tempo inteiro nas urgências. Estou aqui porque fui chamada da enfermaria pediátrica para ver um doente. Todavia, sou o tipo de médica em quem qualquer hospital confia: suficientemente experiente para tomar decisões cruciais, suficientemente subalterna para estar de serviço à noite aos fins de semana. Envergando uma túnica e calças arroxeadas, sou aquilo que aparento: uma pessoa pragmática, profissional, acessível e compreensiva; por vezes, demasiado franca, mas boa pessoa, segundo o meu marido, que é professor. Afinal, trabalho com crianças doentes e pais aflitos. Sou fisicamente banal: um metro e sessenta e sete, cabelo castanho e hirsuto apanhado num rabo de cavalo, uma ruga permanente entre os olhos cor de avelã. Quase não uso maquilhagem, nem joias, à exceção da aliança de casamento, gasta e riscada. Calço uns *Crocs* brancos, bons para correr e fáceis de lavar quando salpicados com sangue.

Assim vestida, sou anónima e andrógina. Ninguém irá avaliar a medida das minhas ancas, mais largas do que desejaria devido aos turnos da noite, em que só consigo ter um intervalo depois das 22 horas e só posso recorrer aos chocolates das máquinas de venda automática ou às batatas fritas do refeitório. Nenhum adolescente irá espreitar pelo meu decote quando me debruçar sobre a sua cama de hospital para o examinar. Sou médica, tal como indica esta farda, que mais parece um pijama, e a fita em redor do meu pescoço: «Olá! Sou a Dra. Trenchard. Estou aqui para realizar um trabalho, e para o fazer bem feito.»

Usar a túnica e as calças também nos une aos nossos colegas. Estamos nisto juntos: um exército a trabalhar para um bem maior, em que ainda acreditamos. Refiro-me ao serviço nacional de saúde, disfuncional e em rutura, que apenas se aguenta graças à boa vontade e ao profissionalismo do seu pessoal. Isto pode soar sentimentalista ou hipócrita, mas não sou nem uma coisa nem outra. Porém, quando é o décimo aniversário da nossa filha e não podemos aconchegá-la na cama porque é impossível trocar um turno da noite à sexta-feira, e ela diz, aumentando a culpa que sentimos de uma forma que somente um primogénito consegue fazer: «Não faz mal, mamã. Eu compreendo que tens de trabalhar»; quando isto é o cenário do nosso quarto turno noturno seguido, e nos sentimos exaustos e só desejamos estar na nossa cama, abraçados a um marido que vemos apenas ao fim de semana; quando é disso que sentimos falta, e a nossa realidade é bem diferente; quando sabemos que os nossos colegas estão a correr para responder a um acidente — os corações a bater aceleradamente, os sapatos a chiar no chão brilhante, as cortinas a deslizar em redor de uma cama, aquela feroz concentração enquanto partem costelas ou aplicam elétrodos para realizar uma descarga elétrica e trazer o doente de volta à vida; quando, mais prosaicamente, não se teve sequer um minuto para aliviar a bexiga... bom, temos de nos agarrar à crença naquilo que fazemos; temos de acreditar que existe uma razão para estarmos tão empenhados neste tipo de carreira. Caso contrário,

desistíamos da medicina ou emigrávamos para a Austrália, para a Nova Zelândia ou para o Canadá, onde o tempo, as horas e o ordenado são infinitamente mais apelativos.

Oh, não me interpretem mal. Adoro o que faço. Acredito que o meu trabalho é importante — o que poderia ser mais meritório do que curar crianças doentes? É estimulante, e, tendo em consideração as minhas origens — sou filha de uma mulher que geria sozinha um café à beira-mar —, sinto-me imensamente orgulhosa por ter chegado até aqui. Todavia, este turno vem no final de uma série de noites, antecedidas por um curso realizado durante o fim de semana passado, e sinto-me de rastos: o meu cérebro está tão baralhado que pareço sofrer de *jet lag*. A adrenalina irá ajudar-me a sobreviver nas próximas horas, como sempre, mas tenho de me concentrar. Mais dez horas: é só o que preciso.

Penso em tudo isto enquanto percorro o brilhante corredor que se estende da enfermaria pediátrica às urgências, a minha disposição em nada animada pela arte exposta nas paredes: uma mistura de paisagens marítimas e cenas abstratas pintadas em cores primárias que se acredita acalmarem os doentes e distraí-los do desagradável facto de se encontrarem ali. Passo pelos serviços de oncologia e de radiologia e penso nas vidas que estão a ser quebradas, nas esperanças e nos sonhos que se evaporam, nas vidas que terminam, e depois afastos esses pensamentos para longe.

Vou ver uma doente. Tem 10 meses. Está rabugenta e irascível. Vomitou, segundo o médico das urgências, mas não tem febre. Pode estar menos doente do que o Sam, o meu filho de 8 anos, presentemente a recuperar de uma infeção nas vias respiratórias, embora seja estranho levar ao hospital, e a esta hora da noite, uma bebé que não esteja verdadeiramente doente. O médico interno está com receio de lhe dar alta e pediu-me que a examinasse. O meu coração acelera perante a possibilidade de ter em mãos um caso complicado.

Aquilo de que menos preciso neste momento é de outra criança terrivelmente doente. O meu turno começou com uma chamada à

sala de partos para reanimar um recém-nascido: um bebê pós-termo, com a tez azulada, o batimento cardíaco lento e o cordão enrolado em volta do pescoço. Consegui reanimá-lo com uma massagem cardíaca, mas há sempre aquele momento em que tememos que tudo corra mal e que a mãe, que conseguiu levar a gravidez até para lá do final do tempo, acabe a chorar a morte do filho com que sempre sonhou. Todos os obstetras sabem que o parto é o dia mais perigoso da nossa vida.

Depois, foi a vez de uma criança que chegou de ambulância com um vírus e uma deficiência imunológica, e logo a seguir tive de lidar com um rapaz de 3 anos com difteria. A ansiedade da mãe agravou a situação, o seu pânico por causa da pieira, que o fazia emitir um som semelhante ao de uma foca, exacerbou as circunstâncias ao ponto de se tornarem perigosas — o pobre rapaz com dificuldade em respirar enquanto ela distraía a nossa atenção. Os pais são, frequentemente, a parte mais difícil deste trabalho.

Por tudo isto, creio que já tive drama suficiente para uma noite. Continuo a percorrer o corredor e observo o caos instalado no serviço de urgência pediátrica, repleta de pais descontentes e de crianças exaustas. Vejo um rapaz envergando um equipamento de futebol, com um ar nauseado, encostado ao pai, podendo bem ser um caso de traumatismo craniano; uma rapariga pálida espreita para um penso encharcado em sangue, enquanto a mãe explica que ela estava a cortar fruta quando a faca lhe escapou. Do serviço geral, onde os corredores estão repletos de macas, chega um entoar ébrio e desafinado: «Tanto tempo à espera!», meio gritado e cada vez mais beligerante.

Troco algumas palavras com a enfermeira-chefe e olho para a ficha da doente: Betsey Curtis. O meu coração faz ricochete. A Betsey?! A Betsey da Jess? A filha bebé de uma amiga minha. A Jess fazia parte do meu grupo de aulas pré-natal quando eu estava grávida da Rosa, e ela do Kit. Navegámos juntas ao longo da primeira maternidade e permanecemos próximas quando tivemos os segundos filhos, embora nos tenhamos afastado após o terceiro da Jess. Talvez seja

inevitável: há muito tempo que abandonei as trincheiras da primeira infância, e o trabalho, a vida familiar e a minha subitamente vulnerável mãe não facilitaram as coisas. Ainda assim, vi-a apenas umas quatro ou cinco vezes desde que teve a bebé, e não fui capaz de manter o contacto. Este ano, não enviou um cartão de aniversário à Rosa, e eu só reparei porque nunca se costumava esquecer, ao contrário de mim, que por vezes me esquecia do aniversário do Kit, que faz anos uma semana depois. Não tem, obviamente, a menor importância, mas eu já me perguntara, ainda que de um modo quase inconsciente, enquanto reunia os cartões, se ela estaria aborrecida comigo.

Agora trouxe a Betsey às urgências. Olho uma vez mais para a ficha: «Imóvel, irritável, sonolenta, chorosa, vomitou...»

— Ronan, é esta a doente que te preocupava? — pergunto ao médico interno, para me certificar.

Ele assente com a cabeça, claramente aliviado por poder passar a responsabilidade.

— Não consigo perceber o que se passa — diz-me. — A bebé não tem febre, mas a mãe estava preocupada ao ponto de a trazer. Pergunto-me se não seria melhor mantê-la aqui em observação durante 24 horas.

Sorriso. Ele é médico há menos de 18 meses. Eu também já senti essa incerteza, o mesmo embaraço de pedir ajuda a um médico mais experiente.

— Claro, mas vamos primeiro observá-la.

Abro a cortina.

— Olá, Jess — cumprimento.

— Oh, és tu, graças a Deus! — A expressão da minha amiga suaviza quando entro no compartimento, a tensão quase desaparecendo da sua testa. — Achei que não era necessário vir cá, mas o Ed foi perentório. Ele não costuma preocupar-se sem razão, o que me deixou em pânico, e, claro, vim a correr.

Olho para ela. «Pânico» é uma palavra forte para uma experiente mãe de três crianças.

— Coitada de ti, e da Betsey! — Examinar alguém conhecido não é o ideal, mas, sem mais nenhum médico pediatra disponível, não tenho outra opção. — Vamos lá ver o que se passa com ela.

A Betsey encontra-se deitada na marquesa, as pequenas pernas estendidas sobre a toalha de papel que cobre a superfície de plástico azul. Olhos grandes, atentos, o rosto vermelho e marcado pelas lágrimas. Já me tinha esquecido de como ela era bonita. Parece uma boneca, com o cabelo escuro a emoldurar-lhe o rosto em forma de coração, a boca perfeita e aqueles enormes olhos azuis que me fitam. Está a chuchar no polegar, e a outra mão segura um coelhinho sujo. É o brinquedo que lhe ofereci quando ela nasceu, igual ao do Sam: um coelhinho de veludilho, assumidamente encantador, comprado em França. O lábio inferior estremece-lhe, mas logo depois o chuchar no dedo prossegue, e ela consegue manter-se calma. Tem as pálpebras pesadas; parece completamente exausta.

— Olá, Betsey — digo-lhe, agachando-me de maneira a ficar ao nível dela. Depois, endireito-me e viro-me para a Jess, cuja mão permanece pousada sobre a sua menina.

Ainda me surpreende o facto de uma pessoa tão bonita ser minha amiga. Ela é uma daquelas raras mulheres que são belas sem precisarem de se esforçar: com caracóis acobreados ao estilo pré-rafaelita e olhos cinzentos rasgados, embora agora orlados de vermelho e com uma expressão apreensiva, o que é perfeitamente natural, pois ninguém quer que o seu filho esteja doente. Tem uma figura esguia e dedos magros, repletos de anéis, que roda quando está nervosa. Uma minúscula estrela dourada brilha na depressão do seu pescoço. O seu *glamour* é incompatível com aquele mundo de frascos de amostras, rolos de ligaduras e camas de rodas. Penso nas minhas olheiras, no cabelo branco que encontrei ao espelho, esta manhã. Pareço cinco ou seis anos mais velha do que ela, embora sejamos da mesma idade.

— Podes repetir porque é que achas que a Betsey não está bem? — peço-lhe.

— Está estranha... choramingona, inquieta, sem energia... e vomitou. O Ed passou-se quando isso aconteceu.

— Ele também veio?

— Não, ficou em casa, com o Frankie e o Kit.

Imagino os seus dois rapazes a dormirem profundamente, e o marido, incapaz de se acalmar; e a solidão da Jess, sentada nas urgências com uma bebé adoentada incapaz de lhe expressar o que sente.

Ela esboça-me um sorriso rápido e tenso, e aconchega-se no casaco de malha cor de carvão, sobre uma camisola que descaí, revelando a fina alça preta do soutien na pele macia e cor de amêndoa. A clavícula fica exposta e dou-me conta de que ela está visivelmente mais magra do que da última vez que a vi, há pouco mais de um mês, na peça de Natal da escola. Sob o brilho das lâmpadas fluorescentes, parece mais vulnerável, menos determinada, bastante diferente da mulher que conheci há dez anos, e que parecia vibrar de entusiasmo com a sua primeira gravidez.

Liz

—

QUINTA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 2007

—

Dois

— Vamos dar-lhe mais cinco minutos, e depois temos mesmo de começar, está bem? — Cathy, a professora das aulas de preparação para o parto, inclina a cabeça para a Jess, a única futura mãe com uma cadeira vazia ao seu lado.

— Não, vamos começar já. Ele apanhou um táxi, mas vai demorar. — A Jess sorri a cada um dos casais ali presentes. «Desculpem», diz a sua expressão. Aquele olhar afasta qualquer irritação momentânea, e eu sinto uma onda de empatia por uma futura mamã cujo companheiro não foi capaz de estar ali às 19h30. Ao meu lado, o Nick agita-se na cadeira, e eu sinto-me grata por o seu trabalho como professor do ensino secundário significar que, embora nunca venha a ser rico, como o marido da Jess, que é gestor de fundos de investimento, seja pouco provável que chegue tarde a este tipo de coisas.

Há quase 15 minutos que esperamos pelo Ed Curtis, e uma mulher muito grávida que se apresentou como Charlotte respira pesadamente — talvez por ter a maior barriga da sala, embora seja difícil não interpretar cada suspiro como irritação. Parece-me o género de pessoa que chega sempre cinco minutos antes da hora marcada. Advogada societária, já nos disse que considera importante estabelecer logo uma rotina. Segue à letra os conselhos de Gina

Ford³ e irá tirar o leite com uma bomba para deixar ao marido, o Andrew, o suficiente para dar as mamadas da noite.

— É o mínimo que ele pode fazer — comenta a Charlotte, com uma gargalhada surpreendentemente sardónica e sexy. Não se percebe muito bem se o Andrew irá fazer aquilo para a compensar pela gravidez ou porque grande parte do trabalho no início da maternidade recai sobre a mãe. — E também vai mudar as fraldas — acrescenta, não parecendo estar a brincar.

Nesta quinta-feira, compareceram nove pessoas, instaladas em cadeiras de plástico pretas e sorrindo nervosamente umas para as outras. Cinco mulheres, todas com mais de sete meses de gestação, grávidas dos primeiros filhos, que irão nascer no novo ano. Três dos pais vieram a correr assim que saíram do trabalho, parecendo deslocados naquele infantário decorado com colagens de massas secas e pinturas feitas com os dedos. As calças de fato do Andrew elevam-se, revelando as meias de seda vermelhas e uns centímetros de tornozelo peludo. Não consigo imaginar aquele homem, que aparenta ser uns bons dez anos mais velho do que eu, a deitar-se no chão com um bebé.

Contudo, é o que vai acontecer a todos nós. Os minúsculos cabides no corredor com as etiquetas plastificadas e os nomes escritos na fonte Comic Sans falam-nos de um mundo ao qual vamos ter de nos habituar, um mundo repleto de seres humanos tão estranhos que até os seus nomes são diferentes dos escolhidos na nossa infância: Olivia, Ethan, Jade e Ayaan; Callum, Chloe, Mia, Zac. Cada etiqueta tem um pequeno ícone — um guarda-chuva, uma bola, uma borboleta — e, sob cada banco, está um par de brilhantes galochas. Há qualquer coisa no cuidado com que foram ali arrumadas, e a sensação de que cada criança é vista como um indivíduo — a Millie com o seu peixe, o Ollie com o seu taco de *cricket* — reforça a magnitude do que estamos prestes a enfrentar. Não são bebés que vamos ter, mas pessoas em ponto pequeno, pelas quais seremos responsáveis até ao fim da nossa vida.

³ Autora de livros sobre cuidados infantis e ex-enfermeira de saúde materna. [N. T.]

— Bom, se tem a certeza... — A Cathy, mãe de três raparigas na casa dos 20 anos, parece aliviada por poder começar. — Vamos dar início a esta sessão apresentando-nos e explicando porque desejamos fazer este curso.

Vira-se para a grávida à sua direita, uma mulher loura com as faces rosadas, um sorriso apaixonado e um companheiro cuja linguagem corporal — os braços e as pernas cruzados, o olhar fixo num ponto ao longe — sugere que preferia estar em qualquer outro local.

— Sou a Mel — apresenta-se ela —, e este é o meu marido, o Rob. Sou professora primária e quero um parto o mais natural possível e com o mínimo de intervenção médica. — Sorri, como se soubesse que deu a resposta certa. — De preferência em casa. — Vira-se para o marido, que grunhe em concordância. — Rob?

— Trabalho no centro de Londres, e estou aqui porque a minha mulher me obrigou — declara.

A Charlotte e o Andrew riem-se, bem como um homem mais novo, encorpado, com a pele avermelhada. A Mel enrubesce, mas sorri, com tolerância.

— Como veem, com o Rob, não há falsas aparências — comenta.

— Apoiar a companheira é muito importante — lembra a Cathy, remexendo nas contas de feltro que lhe enfeitam o pescoço. — O nascimento e o período pré-natal já mais perto do parto podem ser bastante inquietantes. É crucial que as mães se sintam apoiadas pelos seus companheiros. Muito bem. — O seu tom de voz anima-se. — Quem se segue?

— Eu. Chamo-me Susi — diz a rapariga sentada ao lado do homem mais novo. Abre um enorme sorriso e fala com um sotaque australiano, tal como o seu companheiro. — Trabalho em Recursos Humanos, e o Andy, em Tecnologia da Informação. Somos da Austrália, estamos a meio mundo de distância das nossas famílias, pelo que nos pareceu boa ideia aprender mais sobre o parto e conhecer outras mães.

— Têm amigos que estejam à espera de bebé? — A Cathy franze ligeiramente o sobrolho.

A Susi aparenta ser mais nova do que eu; talvez tenha uns 25 ou 26 anos. É alta, tem um ar forte e as ancas largas. Nega com a cabeça.

— Não. Os nossos amigos estão a viver a vida e a divertir-se!

— A gravidez foi uma surpresa — acrescenta o Andy. — Mas as pessoas têm filhos desde o início dos tempos, e sem grandes dramas; tenho a certeza de que connosco não será diferente.

Sorri para a mulher, e eu invejo-o por ser capaz de encarar o parto e a maternidade com aquela simplicidade. Estou demasiado a par das eventuais dificuldades do parto e da lotaria de uma infância feliz para conseguir relaxar daquela maneira.

Sentindo-me algo desconfortável, mudo de posição, enquanto a Charlotte se apresenta a si e ao marido, que parece genuinamente encabulado quando ela o descreve como um notável advogado especializado em propriedade intelectual. («Notável não, Charlotte», replica ele. «Bem, era isso que dizia o *Times*», argumenta ela.)

— E o que a levou a inscrever-se neste curso?

— Bom... — A Charlotte parece ter ensaiado a resposta. — Devemos sempre preparar-nos para as coisas. Para os exames finais de Direito, para o casamento, para ter filhos. A maternidade é uma coisa importante, não é? Mas ninguém aprende a fazê-lo pormenorizada-mente. E eu quero fazê-lo bem.

Esboço-lhe um sorriso. Afinal, talvez não sejamos assim tão diferentes. Durante a especialização em Medicina Pediátrica, tive de realizar um parto para me qualificar como médica, mas estou ansiosa em relação à maternidade. Fui eu que criei o meu irmão mais novo, e não tenho um modelo positivo para seguir: a minha relação com a minha mãe é problemática, e não tenho uma irmã ou uma familiar mais velha a quem possa pedir ajuda.

Sempre procurei respostas nos livros, mas os manuais do curso de Medicina e os livros de puericultura parecem-me inadequados. Compreendo a teoria da rotina *versus* parentalidade com apego, conheço as metas de desenvolvimento e todo o leque de doenças infantis, mas não encontrei nada que me preparasse para aquilo que poderei sentir

quando pegar no meu filho pela primeira vez. Não sei se o irei amar incondicionalmente, ou se serei capaz de interpretar ou de compreender as suas emoções. Preciso de aprender como ser mãe se o meu instinto materno — um conceito nebuloso que se supõe ser natural, mas... e se não for? (e se eu não o tiver, tal como a minha mãe?) — não entrar em ação quando tiver o meu filho nos braços.

— E a Liz? — pergunta a Cathy.

— Bem... — Hesito, pois não posso admitir os meus medos em voz alta. — Sou médica, pelo que o parto em si não me deixa preocupada. Planeio tomar todos os analgésicos que me puderem dar, assim como a epidural. Estou aqui para conhecer outras mães com bebés da mesma idade.

— Encontrou aqui algumas potenciais amigas. Os vossos bebés deverão nascer todos dentro de um mês ou dois; por isso, poderão ajudar-se umas às outras nas primeiras semanas. — A Cathy vira-se para a única mulher que ainda não falou. — E a Jess?

Ela sorri. A minha gravidez está longe de ter sido um «estado de graça» — sofri de persistentes enjoos matinais, e, mesmo assim, consegui engordar e parecer um balão —, mas não existe melhor expressão para descrever a Jess. O cabelo dela brilha sob a inclemente luz, e conseguiu o ideal: uma silhueta de gravidez perfeita com seios cheios, barriga firme e redonda, maçãs do rosto afiadas e uma figura esguia. Em qualquer grupo de mulheres, existe sempre aquela que é a mais bonita e descontraída sem sequer ter de se esforçar. Aqui, essa mulher é a Jess. Contudo, o facto de ela ser tão obviamente a rainha não a marginaliza. O seu entusiasmo é tão contagiante que eu quero partilhá-lo. Deveria sentir-me como ela, não? Como se a maternidade fosse a aventura mais fantástica da minha vida, e não um acontecimento que me deixa apreensiva, no melhor cenário, e temerosa, no pior.

— Quero ser a melhor mãe possível — declara a Jess, num tom de voz baixo, ligeiramente rouco, como se estivesse a confiar-nos um delicioso segredo. Afaga a barriga e desce o olhar, como se falasse com

o filho. — Vamos ter um rapaz, e quero que ele saiba que é importante para nós e que será muito acarinhado. — Hesita, escolhendo as palavras cautelosamente. — Não creio que tenhamos de educar como os nossos pais educaram... — A voz dela anima-se, de súbito, afastando qualquer constrangimento, como uma nuvem a passar diante do Sol. — Quero que o meu filho saiba que é o centro do mundo.

Talvez seja culpa das hormonas, mas aquilo que deveria soar terrivelmente banal e óbvio revela-se encantador e comovente. Ficamos em silêncio, por momentos, naquela sala com caixas repletas de carrinhos e de blocos da *Lego Duplo*, e o odor a desinfetante e a suor.

— Isso é maravilhoso — comenta o Nick.

— Sim — digo. — Ser esse género de mãe, ou sentir-me confiante de que conseguirei ser esse género de mãe, é o que gostaria de levar daqui.

A Jess esboça-me um sorriso, com a lúcida expectativa de uma mulher que não tem razão para esperar outra coisa senão o melhor para o seu filho. O otimismo dela transforma aquela sala de aula, ao som da chuva a bater na janela. Sinto uma confiança hesitante de que serei uma mãe capaz. Não serei perfeita, mas serei suficientemente boa.

A porta abre-se, e o ruído das folhas das árvores invade a sala juntamente com uma corrente de ar.

— Ed! — O sorriso da Jess cresce ainda mais.

— Olá, querida. Olá a todos. Peço imensa desculpa. — O Ed Curtis move-se fluidamente, de pasta na mão, inclinando-se para beijar a mulher, e ocupa a cadeira vazia. — Mil desculpas. Primeiro não conseguia sair do trabalho, e depois a District Line estava com problemas. O que foi que perdi? — Inclina-se para a frente, de mãos nas coxas, pernas afastadas e um enorme sorriso no rosto. É impossível não ficarmos encantados com a outra metade daquele casal de ouro. É impossível não perdoarmos o seu atraso, porque, claro, o trabalho dele deve ser altamente stressante. Olha em redor do grupo, e, quando avista a Charlotte, franze o sobrolho num repentino reconhecimento. O sorriso estende-se-lhe de orelha a orelha. — Charlotte?

— Ed. — Ela enrubesce, o sangue a subir-lhe pelo pescoço, passando pelo complicado laço que lhe decora o decote.

— Charlotte Fitzgerald?

— Charlotte Mason, agora.

— Como estás? — Ele parece encantado; a Charlotte, nem por isso. — Desculpem, desculpem. Jess, eu e a Charlotte fomos colegas na faculdade. Como o mundo é pequeno! — Abana a cabeça, incapaz de ultrapassar a coincidência. — Temos de pôr as novidades em dia.

— Sim, claro que sim. — Ela continua corada, mas parece surpreendida, quase lisonjeada. O marido fita-a, com um ar inquiridor, e ela aperta-lhe a mão.

— Que maravilha! Mas podemos guardar a conversa para mais tarde? — pergunta a Cathy, com alguma irritação na voz. — O tempo está a passar, e temos muita coisa para abordar na sessão de hoje.

— Sim, claro. Desculpe. Interrompi de novo. Onde íamos? — O Ed sorri-lhe, e a expressão da Cathy suaviza-se, como se tivesse sido iluminada por um súbito e quente raio de Sol.

— A Jess estava a falar-nos das suas expetativas para a maternidade e de como se sente entusiasmada.

Liz

SEXTA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2018, 23H35

Três

A Jess parece assustada. Os hospitais deixam-na nervosa, e eu compreendo, depois da experiência traumática durante o seu último parto. Todavia, ela aparenta estar mais do que nervosa: tem um ar apavorado.

— Há quanto tempo a Betsey está assim? — pergunto, num tom de voz suave e coloquial, como se examinar a filha de uma amiga fosse um cenário perfeitamente normal.

— Esteve assim toda a noite, intermitentemente. Ela costuma adormecer com facilidade, mas hoje não.

— E dormiu?

— Um pouco. Acordou às nove, a chorar... e continuava inquieta quando o Ed foi vê-la, um pouco mais tarde...

— Foi nessa altura que vomitou?

— Sim.

— Só dessa vez?

Há uma ligeira hesitação. Meio segundo, mas é o suficiente para eu me aperceber.

— Sim. Só dessa vez — responde a Jess.

Observo-a com mais atenção. O sorriso é forçado: não é uma expressão que eu alguma vez lhe tenha visto. Porém, estamos, igualmente, perante uma situação sem precedentes.

— Será resultado de alguma coisa que tenha acontecido antes? Ela costuma sentir-se indisposta?

— Não. — A Jess abana a cabeça. — Sei que não a conheces bem, mas ela não é uma bebé que costume vomitar. Fica irritadiça e de mau humor quando lhe está a nascer algum dente, mas não consigo perceber o que a terá deixado assim.

Ignoro a crítica velada. Não conheço aquela bebé como conheço os outros filhos da Jess; o trabalho este ano tem sido particularmente exigente. Coloco o termómetro na axila da Betsey.

— Vou só observá-la, enquanto conversamos — explico. — Podes levantar o braço, Betsey?

A menina choraminga, o lábio inferior a tremer, olhando para a mãe em busca de conforto.

— Está tudo bem, querida. É a amiga da mamã, a Liz.

Para me facilitar o trabalho, a Jess retira a mão que mantinha pousada sobre a filha, mas pressinto a sua relutância. Ela nunca gostou que outras pessoas tocassem nos seus filhos, nem mesmo quando o Kit e a Rosa estavam a aprender a andar, e eu pegava neles, instintivamente, se caíssem perto de mim. Retiro o termómetro.

— A temperatura está normal. Ela tomou algum analgésico?

— O Ed deu-lhe paracetamol depois de ela ter vomitado.

— E quando foi isso?

— Um pouco depois das dez. Antes de irmos para as urgências.

— E não lhe tinhas dado nada antes disso?

— Não... Talvez o devesse ter feito, mas... bem, tu sabes o que eu penso acerca de dar medicamentos a bebés...

A Jess sempre desconfiou do uso de medicamentos. É uma das coisas em que discordamos. A Betsey não tomou a vacina tríplice porque a Jess acredita, erradamente, que a vacina está associada ao autismo. Eu mostrei-me incrédula e furiosa quando ela o confessou. Em parte, foi por causa disso que nos afastámos: não consigo lidar com o facto de ela querer depender do efeito rebanho, de os filhos dos outros serem vacinados para protegerem o dela. Porém,

não me posso irritar neste momento. Tenho preocupações mais imediatas.

— Uma vez que te conheço, e à Betsey, vou pedir ao meu colega, o Ronan, que entre e assista, enquanto a examino com mais atenção, OK? Não fiques preocupada. Faz parte do protocolo do hospital. Depois, vou examinar a tua barriguinha, Betsey — digo-lhe, num tom suave e pragmático. A bebé está a choramingar de forma irregular, e tem uma bolha de saliva nos lábios. — Ronan? — Abro ligeiramente a cortina e espreito lá para fora. O médico interno parece cheio de medo, de mim ou de ter feito alguma asneira. — Pode vir aqui? — Ele entra no compartimento e posiciona-se ao meu lado, os seus membros compridos e magros a encolherem-se no exíguo espaço. — Vou examinar o peito da Betsey — explico a ambos, enquanto desaperto o babygro. Não vejo qualquer erupção cutânea no tronco. Não há indícios de meningite. Todavia, o meu alívio é apenas temporário. A Betsey começa a chorar, e os gritos intensificam-se à medida que os meus dedos avançam até ao alto da cabeça. A bebé estremece. Um traumatismo craniano? Fico imediatamente preocupada. Afasto-lhe o cabelo escuro junto ao pescoço. — Sabias que ela tem um ligeiro inchaço na nuca? — Não é um alto óbvio, mas sinto uma ligeira moleza oculta pelos caracóis escuros e húmidos. Observo a Jess atentamente.

— Hum... não, não sabia.

Fico surpreendida. A sensação é semelhante à de passar os dedos sobre um colchão de água. Estaria ela assim tão distraída que não se apercebeu do alto ao sentar a Betsey na cadeira do carro, ou ao transferi-la para o carrinho? Certamente teria sentido, e a Betsey teria chorado, tal como fez quando eu a estava a examinar.

A Jess fita-me inexpressivamente. Tem o rosto fechado, como se tivesse bloqueado todas as emoções. Uma sensação de mal-estar toma conta de mim.

— Ela já gatinha? — pergunto.

— Começou agora, e já tenta levantar-se.

— Parece ter batido com a cabeça...

A Jess mostra uma expressão ardilosa — não há outra palavra para o descrever.

— Oh! — exclama, num tom elevado e agudo. Em seguida, pigarreia, como se tivesse acabado de se lembrar de algo que deveria ter mencionado logo ao início. — Pois, ela bateu com a cabeça, efetivamente.

— Bateu?! Oh, Jess, porque é que não disseste logo? Isso pode explicar o estado dela. Quando foi que aconteceu?

Sinto um enorme alívio. A Jess, sempre tão perfeccionista no que diz respeito à educação, terá temido ser julgada. Porém, não há necessidade disso, pois, afinal, parece existir uma explicação bastante inocente e plausível.

— Foi por volta das quatro da tarde — começa por dizer. — Logo a seguir a termos ido buscar o Frankie. Ela estava a gatinhar pela cozinha, escorregou e bateu com a cabeça.

— E como foi que ela caiu, exatamente? — Empoleiro-me na beira da marquesa, a toalha de papel amarrotando-se sob o meu traseiro. «Estou a ouvir, e tenho todo o tempo do mundo», expressa a minha postura, embora, na verdade, não tenha. Estou preocupada com a possibilidade de termos de fazer exames à Betsey, mas preciso de saber exatamente o que aconteceu, toda a história.

— Estava a preparar o lanche do Frankie — conta a Jess. A voz treme-lhe, como se estivesse prestes a chorar. — A Betsey andava a gatinhar por ali. O chão estava lavado, mas, por alguma razão, também estava escorregadio. Eu tinha o lanche dos rapazes para preparar, e não estava a prestar muita atenção. Então, ouvi um baque suave e vi a Betsey deitada no chão, a fazer aquela expressão de quem não sabe se deve chorar ou não. — Faz uma pausa. É uma explicação perfeitamente lógica, e, no entanto, ela observa-me, como que a certificar-se de que deu a resposta certa. — Só virei as costas por instantes! Não posso estar sempre de olhos postos nela! — Soa subitamente estridente, na sua autodefesa.

— Está tudo bem. Sei que és uma ótima mãe. É que... parece uma grande pancada, não algo que aconteça por ela estar a gatinhar e depois cair. Terá batido em alguma coisa ao cair? Terá ido contra alguma coisa?

— Não sei. Pressupus que ela tivesse apenas batido com a cabeça no chão, mas ela estava ao lado do frigorífico... Talvez se tivesse posto de pé, agarrada à esquina, e batido lá com a cabeça ao cair...

— Sim, é possível.

Olho novamente para a nuca da bebé. Não gosto disto. Não gosto nada disto. Incomoda-me a atitude evasiva e defensiva da Jess. Porque estará ela a agir desta maneira? Como se somente agora se tivesse lembrado deste acidente... Como se tivesse algo a esconder...

— Vou só examinar o resto do corpo. Não te preocupes, é um procedimento de rotina — explico.

Dispo o babygro à Betsey, escrutinando todo o corpo. Não há sinal de nódoas negras, nenhum tom azulado, esverdeado ou amarelado; nenhuma vermelhidão. Não vejo o menor indício de que tenha sofrido qualquer tipo de violência. Lenta e metodicamente, tiro-lhe a pesada fralda e levanto-lhe as pernas. O traseiro apresenta uma assadura e tem restos de pomada, mas, felizmente, não vejo nada de sinistro em redor da vagina ou do ânus.

— O que estás a fazer?

— Examinamos os bebés dos pés à cabeça. É mera rotina. — Tento acalmá-la.

— Meu Deus! Achas que ela foi abusada sexualmente!

— Não. Não acho nada disso. Tem uma pequena assadura da fralda, mas, à parte disso, não há mais nada de preocupante. Ela está bem.

A Jess parece momentaneamente aliviada.

— E vai ficar bem, não vai?

Faço uma pausa.

— Com uma pancada na cabeça, temos de ter mais cuidado; por isso, gostava de lhe fazer alguns exames.

— Que exames?

— Análises ao sangue e, possivelmente, uma TAC, para ver se o crânio foi afetado.

— Isso é mesmo necessário?

— Penso que sim, e gostaria de a manter aqui durante mais algum tempo, para o caso de ela voltar a vomitar. — A Jess não previra nada daquilo. Olha para a filha e baixa a cabeça, começando a remexer nos anéis. Estará envergonhada? Talvez se eu avançar com pezinhos de lã ela me conte o que se passa. — Eu conheço-te, Jess. És protetora. Talvez até um bocadinho demasiado protetora. Concordas? — Ela assente com a cabeça. — Mas demoraste a trazê-la ao hospital, o que não parece nada teu... Porque é que não a trouxeste logo?

A Jess continua a rodar os anéis.

— Acho que não pensei que fosse assim tão grave — replica ela, por fim. — Sabes como são os bebés. O Kit e o Frankie tiveram acidentes piores, tal como o Sam e a Rosa, não foi? Nestas idades, eles passam a vida a cair. Não me pareceu mais grave do que as quedas dos rapazes quando começaram a gatinhar. Não havia nenhum galo. Não pensei que houvesse problema. Só quando ela começou a ficar rabugenta e vomitou é que achámos melhor trazê-la.

— Faz sentido — digo. E claro que faz, mas não deixo de me sentir inquieta.

O Ronan tira sangue à Betsey, e eu trato de tudo para que ela seja admitida na enfermaria pediátrica. Quando um dos pais aparece com um filho que apresenta uma lesão, estou treinada para ficar alerta para a possibilidade de não ter sido accidental, para a possibilidade de o pai ou a mãe lhe terem feito mal. Claro que não quero pensar isso da minha amiga Jess. Confiei-lhe os meus filhos, e sei como ela é enquanto mãe; mas, ainda assim, estou condicionada a levantar essa hipótese, e a dúvida continua a morder-me atrás da orelha.

Dou por mim a passar mentalmente a minha lista a pente fino. Estou satisfeita com a interação entre os pais e o filho? Houve demora na ida às urgências? Os pais mostram-se excessivamente defensivos

ou estranhamente despreocupados? Suspeito de que estão a mentir? Mais importante: o mecanismo — a narrativa do acidente — é coincidente com a lesão? A história encaixa?

Sinto-me inquieta, enquanto aguardo, junto à secretária, que alguém da equipa de pediatria atenda o telefone. Porque é que a Jess ficou tão nervosa quando referi o traumatismo na nuca? Porque é que hesitou quando lhe perguntei se a Betsey só vomitara uma vez? E, tendo em consideração a sua exigência em relação a todos os aspetos da educação dos filhos, porque é que demorou seis horas a levar a bebé ao hospital, e só porque o Ed o sugeriu?

Enrolo o cabo telefónico no dedo, criando marcas vincadas na pele. Com qualquer outra pessoa, tudo aquilo seriam alertas claros que me deixariam preocupada, mas estamos a falar de alguém que conheço bem. De uma amiga de longa data. A mulher que tomou conta da Rosa quando ela e o Kit tiveram varicela e a creche do hospital continuava a não a aceitar por ainda a considerar contagiosa; a amiga que procurou um conjunto da *Legó* obsoleto para o aniversário do Sam e depois insistiu para que eu lho oferecesse; a mãe que ama os seus filhos acima de tudo; que é feroz na defesa do Frankie, acusando certa vez a Mel de o demonizar, quando esta sugeriu que ele havia sido demasiado bruto com o seu filho Connor, lançando-se a ela com uma ira surpreendente; a mãe que se orgulha tanto do seu desportivo e bem-disposto filho mais velho, o Kit.

Sei tudo isto tão profunda e instintivamente quanto sei que o Nick nunca me será infiel. Tenho quase a certeza, quero dizer.

Ainda assim, aqui estou eu, a internar a filha dela por causa de um provável traumatismo craniano e incomodada com o seu comportamento.

Estarei, de facto, a pensar o pior da Jess?

QUAL É O PIOR PESADELO DE UMA MÃE?

Jess Curtis é uma mãe dedicada e com uma família perfeita. Tem três filhos, de quem cuida com reservas ilimitadas de paciência, energia e amor. Liz Trenchard é amiga dela há mais de dez anos, e é assim que a vê.

Mas tudo muda quando Jess aparece com a filha bebê nas urgências do hospital em que Liz trabalha, colocando-a perante um dilema ético. Como pediatra, Liz tem o dever de proteger todas as crianças que dão entrada no seu serviço, e a bebê da amiga, com uma fratura craniana, levanta de imediato suspeitas. Jess não se apercebeu de que a filha tinha batido com a cabeça, e a história que conta não é compatível com a lesão da bebê.

E ATÉ QUE PONTO CONHECEMOS REALMENTE UM AMIGO?

À medida que pensamentos sombrios atormentam Jess e segredos cuidadosamente guardados começam a vir ao de cima, Liz começa a pôr em causa tudo o que achava saber sobre a amiga, e também sobre si própria. A verdade acabará por ser revelada, e trará consigo factos que muitos prefeririam nunca ter conhecido.

Leia também:

«Sombrio,
desesperante
e envolvente.»

COSMOPOLITAN



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-155-0



9 789895 641550

Thriller